

# SE REINVENTANDO APÓS OS “ENTA”

*Data de aceite: 01/06/2023*

### **Clodoaldo Gomes Tiribichá**

Eu sou Genaro, um sexagenário que acabou de se aposentar. Diferente de meus antepassados, apresento um vigor físico de dar inveja aos jovens ao meu redor.

Ao passar pelo calçadão do Rio de Janeiro, observei as ondas do mar, as crianças brincando, outros correndo para trabalhar e um banco vazio esperando para ser ocupado. Sentei-me e comecei a sentir falta da rotina.

— O que fazer para continuar a contribuir com a sociedade desta cidade? Afinal, sou saudável, lúcido, pratico esportes e sou bem informado. Mas, infelizmente, com todos os atributos, as pessoas ainda me olham como se eu fosse idoso, incapaz de assumir uma rotina de trabalho.

Estava envolto nesses pensamentos, quando encontrei Geovana, uma descendente de italianos, conhecida como uma das melhores cozinheiras do

bairro. Apesar da maturidade, ainda guarda os traços da jovem que um dia foi muito vistosa. Viúva há vários anos, foi obrigada a sair do conforto de seu lar em busca do próprio sustento. Esta foi a oportunidade de unir o útil ao agradável e chegou a ganhar vários concursos de culinária. Foi sempre reconhecida pelo seu dom, o que lhe trazia uma grande satisfação. Até que a idade chegou e, de volta à sua casa, percebeu que ainda não se sentia pronta para a rotina de uma aposentada.

— Me conte, Genaro. Como está se sentindo o novo aposentado “do pedaço”?

— Descansado até demais. Passei anos de minha vida querendo descansar. Mesmo praticando esportes, frequentando a academia, sinto falta da rotina diária de levantar no mesmo horário, correr atrás do coletivo, chegar ao escritório e fazer o meu trabalho. E fiz isso durante 40 anos, até que olharam na minha cara, me deram uns papéis para assinar e me mandaram pra casa, dizendo que eu já estou aposentado. Eu até tentei argumentar, mas parece que minha idade não permite argumentações.

E você? Creio que já está mais acostumada a ficar “reclusa”... Deve ser mais fácil para as mulheres se acostumar à aposentadoria. Tudo bem que nós viemos do século XX, mas não faz tanto tempo assim.

— Por que você acha que é mais fácil para a gente? Nós também nos acostumamos com nosso dia a dia. No começo, meus filhos eram pequenos. Meu marido faleceu e eu me vi obrigada a trabalhar fora. Eu levava as crianças de ônibus para a escola e dali caminhava para onde se precisava de uma boa cozinheira. No começo, trabalhei em casas de família. Depois, restaurantes pequenos. Com o tempo, fui sendo reconhecida e fiz um curso de culinária. Participei de vários concursos, ganhei muitos prêmios. Até que chegou um dia que eu me senti frita e cozida. Estava aposentada e não podia fazer mais nada.

E no meio dessa conversa, uma bola atingiu minhas pernas... Correndo à procura dela, veio um garoto, com idade entre 8 e 10 anos.

— Desculpa aí, tio. Foi mal!

Rodrigo é o nome do garoto. Ele é filho único de Claudete, que se tornou mãe aos 16 anos. É ela que vem correndo e chamando pelo menino, que gaguejava pedindo desculpas.

— Desculpe! Machucou, seu Genaro?

— Nada, estou acostumado a jogar bola! Não sou tão velho assim... Que bom se os golpes da vida viessem só das bolas de futebol.

— Bom dia! Estava conversando com Genaro e chegamos à conclusão de que a gente é afastado de nosso trabalho mesmo contra nossa vontade. Hoje eu faço encomendas de doces, mas gostaria de sair dessa monotonia. Fazer algo que me faça sentir útil. Descobrir qual é o papel que me cabe na sociedade.

— Com licença, dona Geovana. Rodrigo sumiu e deve estar aprontando alguma arte.

— Geovana, eu gostaria de fazer algo por esta moça. Ela passa sérias dificuldades para criar este menino. Mas qualquer ajuda que eu ofereça pode constrangê-la. Não quero parecer invasivo.

— Eu também, Genaro. Já pensei muito nisso, mas penso como você.

No dia seguinte, estava passeando pelo centro da cidade e passei em frente a um grande galpão, de onde ouvi um barulho e pensei:

— Será que isso é um tipo de academia?

— Olá, boa tarde! Meu nome é Genaro, e vim saber se aqui é uma academia.

— Boa tarde. Meu nome é Lúcia. E aqui nós nos reunimos quase todas as tardes. Cada um se diverte como pode. Eu gosto de dançar. Os menino aproveitam para jogar bola.

— E você, menino? O que procura aqui?

— Eu sou Gustavo. Tenho 13 anos e venho para jogar futebol. O lugar aqui é legal porque tem bastante espaço. O ruim é que o proprietário, sempre que chega de viagem, vem aqui e toca a gente pra rua.

Eu saí dali e fui atrás de Geovana.

— Geovana, eu encontrei um lugar que pode mudar a vida de muitas pessoas e as nossas também. Inclusive a da Claudete. Você aceita fazer uns quitutes pra gente levar para umas crianças que só desejam se divertir?

— Claro que sim, Genaro. Vamos lá amanhã mesmo.

E, assim, nossa rotina foi modificada. Todos os dias ouvia o dia a dia de cada um, orientando contra os perigos das drogas e como poderiam atravessar a adolescência de forma sadia. Muitos vinham sem ter onde comer e dormir. Eu conversei com o padre da comunidade e ele se propôs a levar os menores sem teto para serem adotados. Alguns meninos passaram a dormir temporariamente na paróquia. Outros foram para minha casa, e as meninas, para a casa da Geovana. Dali saíram várias boleiras e muitas dançarinas.

— Galera, hoje nós trouxemos uma convidada de honra para conhecer vocês. Esta é a Claudete. Ela vai ser a nossa colaboradora no quesito dança. Ela vai entrar em contato com algumas ONGs onde as meninas possam fazer cursos de dança gratuitos. O filho dela é o Rodrigo, que vai entrar junto com os meninos para um clube de futebol.

Nesse instante entrou Said, o dono do galpão.

— Boa tarde! Quem são vocês e o que fazem na minha propriedade? Eu já não disse que não quero ninguém aqui? Isso não é um parque!

— Boa tarde! Meu nome é Genaro. Desculpe se invadimos sua propriedade, mas talvez eu possa explicar. A maioria dessas crianças vem para cá no intuito de dançar, jogar bola, conversar e se divertir. Este espaço tem tirado essa gente das ruas. Quando os conheci, vi em cada indivíduo a oportunidade de mudar os seus destinos dentro daquilo que gostam de fazer. Hoje eles estão aqui, longe de tudo o que o mundo oferece de ruim. Somos gratos a este galpão, porque ele também nos deu uma nova chance de nos reinventar. Todos estão matriculados e frequentando a escola. Como pode ver, seu espaço tem sido muito bem aproveitado. Eu só tenho a agradecer. Desculpe se fomos invasivos...

— Senhor Genaro, como é bom aprender com os mais velhos. Eu viajo muito e nunca tive tempo para pensar nisso que o senhor está me dizendo. Eu é que fui um egoísta. Sinto-me muito envergonhado. Um galpão que ficaria vazio por meses pode ser transformado para o crescimento de tantas vidas. Temos muito a aprender com vocês. “Bora” arregaçar as mangas e colocar mais uma oportunidade para esses garotos: eu sou lutador de Jiu Jitsu... Quando podemos começar a lutar?